



GT 016. Antropologia das práticas juvenis

João Batista de Menezes Bittencourt (UFAL) - Coordenador/a, Marco Aurélio Paz Tella (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

O presente GT tem como objetivo reunir trabalhos resultantes de pesquisas em conclus?o ou andamento, e que tenham como foco privilegiado de investiga??o as pr?ticas juvenis em suas mais diversas express?es. Mudan?as sociais, pol?ticas e culturais ocorridas no ocidente, especialmente na segunda metade do s?culo XX, produziram altera?es significativas nas subjetividades juvenis, promovendo mudan?as no conjunto das experi?ncias que por muito tempo definiram os sentidos de ?ser jovem? e ?ser adulto?. Atualmente, as pesquisas antropol?gicas tem lan?ado m?o de diferentes abordagens te?ricas e metodol?gicas para a compreens?o das pr?ticas juvenis, onde se destacam a influ?ncia das teorias da ag?ncia, dos estudos sobre performactivity, das abordagens disposicionalistas, como tamb?m de uma releitura dos cultural studies. Desse modo, fazer uma antropologia das pr?ticas juvenis em nosso atual contexto, trata-se n?o apenas estar atento ?s mudan?as nos repert?rios de sentidos acionados pelos/as jovens, como tamb?m se abrir para possibilidades interpretativas advindas de outros campos do saber. Ser?o aceitos para o debate nesse grupo de trabalho, pesquisas, especialmente etnografias, que se dediquem ao estudo das pr?ticas juvenis a partir de diferentes temas, tais como: sociabilidades e territorialidades; g?nero, sexualidade e rela?es ?tnico-raciais; educa??o, trabalho e profissionaliza??o; arte e performactivity; entre outros.

Juventudes e institucionalidades: passos para uma etnografia a partir da ocupa??o e do p?s- ocupa??o do Centro Paula Souza (S?o Paulo - SP)

Autoria: Carusa Gabriela Dutra Biliatto

O work proposto integra pesquisa de doutorado em Antropologia (UFPR). O work de campo foi realizado junto aos Secundaristas em Luta na cidade de S?o Paulo e transcorreu entre dezembro de 2015 e abril de 2017. A pesquisa est? situada no campo da antropologia das juventudes, sobretudo, em seu segmento voltado ?s interfaces entre juventudes e fazeres pol?ticos. A abordagem est? orientada por uma literatura em antropologia das emo??es. Isso porque, esta intersec??o constitui um componente que adquiriu relevo durante a etnografia. Entre outros elementos no indicado registro da dimens?o sens?vel est?o os seguintes: por um lado, a intensa presen?a das experi?ncias denominadas como torturas, dor f?sica, dilacera??o ps?quica; por outro lado, a intensa presen?a de situa??es l?dicas cujas formas expressivas principais s?o padr?es de gestos, olhares, tom de voz e vocaliza??o de g?rias produtores de nexos de sentidos risonhos orientadores do conjunto de regras e valores constituintes da a??o cotidiana entre os interlocutores. Nesse quadro, a formula??o do problema de pesquisa adv?m de ind?cios verificados no work de mestrado sobre a necessidade de problematizar a categoria juventude objetivando, precisamente, uma reformula??o de seu alcance heur?stico em rela??o ?s ?juvenilidades? etnografadas. Nessa trilha, as inquieta??es atuais sintetizam-se no esfor?o de tomar como objeto de reflex?o a rela??o entre a varia??o da categoria ?juventude? etnografada, por um lado, e, por outro lado, contribui??es de Gregory Bateson para uma ?teoria da a??o no mundo vivo?. A indicada contribui??o de Bateson tem por foco principal a rela??o entre a metanarrativa do significante ?juventude? articulado ao significante ?a??o?. A indicada articula??o almeja, principalmente, emprestar inteligibilidade antropol?gica sobre a elabora??o do modo de organiza??o. A partir de um escopo em antropologia das juventudes, passei a tecer uma interliga??o com os estudos de Bateson sobre paradoxos da comunica??o, no marco da l?gica cibern?tica, para pensar mensagens, metamensagens e metametamensagens como termos em rela??o produtores de ?patterns que conectam? compondo, inclusive, modos de organiza??o dessas rela??es em forma de a??o coletiva pelos interlocutores. Por fim,

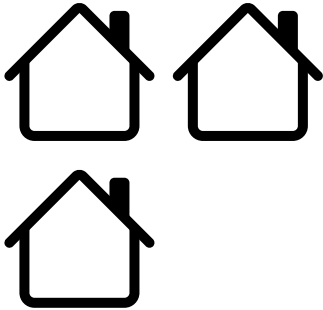


uma das proposições do work interpreta experiências denominadas por tortura, no pós-ocupação, como componente do cálculo do conflito não apenas visto por parte das forças de repressão e de pretensão de legitimidade do Estado, mas também por parte dos secundaristas que se posicionam como interlocutores político, inclusive, no âmbito do leito institucional do ordenamento democrático de controle da imprevisibilidade em um sistema de regulação da ação coletiva ? neste caso, juvenil.

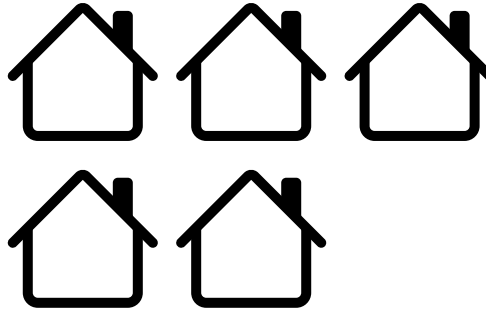
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

